

RECREIO ESCOLAR: O QUE ACONTECE LONGE DOS OLHOS DOS PROFESSORES?

SCHOOL BREAK: WHAT HAPPENS FAR FROM THE TEACHERS' EYES?

Derli Juliano Neuenfeld*

RESUMO

Esta pesquisa descritiva teve por objetivo verificar com que atividades as crianças de 1.^a a 4.^a séries se ocupam no recreio. A investigação ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, de Santa Cruz do Sul/RS/Br, onde os olhares voltaram-se para a rotina do recreio, as atividades que as crianças realizavam e a relação delas com o espaço físico e materiais disponíveis. Concluiu-se que boa parte do recreio é consumida com a atividade de merendar e que o espaço físico das quadras esportivas conduz as crianças a jogarem sob o modelo do esporte *performance*. Isto nos leva a questionar: não seria interessante pensar numa intervenção pedagógica para este recreio escolar?

Palavras-chave: Educação Física. Educação. Recreação. Recreio escolar.

INTRODUÇÃO

O recreio escolar ou intervalo das aulas é um momento presente na vida de todo estudante. Acompanha-o da educação infantil à pós-graduação. Sem buscar a delimitação de termos, mas entendendo como fundamental à sua compreensão a análise etimológica da palavra “recreio”, percebe-se que a sua raiz nos leva ao termo recreação: “Período para se recrear, como, especialmente, nas escolas, o intervalo entre as aulas” (FERREIRA, 1999, p. 1721).

Por recreação entendemos “o momento, ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele se satisfaz (sacia) seus anseios voltados ao seu lazer” (CAVALLARI; ZACARIAS, 1994, p. 15).

Percebe-se que é possível traçar uma tríade entre os termos recreio, recreação e lazer. Assim como ocorre nos conceitos de ‘recreio’ e de ‘recreação’, o termo lazer também designa um momento em que o indivíduo busca a sua realização pessoal. Isto está evidente no conceito de lazer:

Lazer é o tempo que cada um tem para si, depois de ter cumprido, segundo as normas sociais do momento, suas obrigações profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas. É o tempo vital que cada um procura defender, contra tudo que o impede de ocupar-se consigo mesmo. É antes de tudo liberação de cada um, seja pelo descanso, seja pela diversão - e aí se incluem as atividades esportivas -, seja pelo cultivo do intelecto (DUMAZEDIER, 1980, p. 109).

O que nos preocupa, em relação ao recreio escolar, é que esteja acontecendo o mesmo que Marcellino (2002) destaca em relação ao lazer, ou seja, a restrição das atividades a um campo específico de interesse, geralmente não por opção, mas por falta de contato com outros conteúdos.

É preocupante o modo como esse espaço de tempo está sendo utilizado pelas crianças. Em face de um lazer de mercado, que impõe os brinquedos que conduzem o brincar da criança e, da mídia, que exalta o esporte de alto rendimento como modelo a ser seguido, será que as crianças realmente estão conseguindo se recrear durante o recreio?

* Mestre em Ciência do Movimento Humano/UFSM. Professor do Curso de Educação Física da UNIVATES/RS. Coordenador do Grupo de Estudo “Esporte, Cultura e Sociedade”.

Estas indagações surgiram do cotidiano do pesquisador, que foi professor de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Santa Cruz do Sul/RS/Br nos anos de 2002 e 2003, e que vinha observando como o recreio está perdendo o seu sentido primeiro. O recreio escolar está passando despercebido no contexto escolar. As causas residem no fato de ele ser visto apenas como um momento para dar ao professor uma pausa na sua atividade docente e ao aluno um tempo para extravasar energia, descansar ou merendar. Destarte, o recreio é compreendido, na maioria das escolas, como um espaço improdutivo.

Neste curto período de tempo (15 a 20 minutos) há uma grande resistência dos professores quando se propõe um trabalho de supervisão, direção ou orientação de atividades, pois nenhum professor quer abrir mão dos poucos minutos de intervalo a que tem direito, como qualquer outro trabalhador. Neste sentido, percebe-se que as necessidades dos alunos não estão sendo consideradas. Este estudo quer chamar a atenção para o fato de que o recreio escolar faz parte do período educacional da escola. Este momento de ‘trégua’ entre professor e aluno não pode ficar oculto no contexto escolar. O que fazem as crianças quando estão longe dos olhos dos professores? O que diriam os pais destas crianças, os quais entregam seus filhos à escola e confiam nela como um local seguro e de aprendizagem social, se percebessem que durante o recreio elas permanecem ‘abandonadas’?

A necessidade da existência do recreio é indiscutível. O recreio, nos dias em que não há Educação Física, tornou-se o único momento que as crianças possuem para se movimentar. Por isso, ao saírem das salas de aula, após ficarem sentadas por horas, elas “explodem” em movimento. Isto é normal, pois o movimento humano está nas bases antropológicas do homem. O homem, para Cagigal (1979), vive em movimento; e parece que não subsistiria plenamente como tal, sem a capacidade de exercitação. Ele está capacitado a mover-se, foi feito para mover-se.

Dentro deste espaço destinado a recrear, algumas questões podem ser levantadas. Será que o recreio escolar estimula o brincar da criança? Quais os alunos que ocupam os espaços

das quadras esportivas? Como este espaço é organizado? Qual é o valor atribuído pela escola ao recreio escolar?

Faz-se imprescindível investigar o recreio escolar, por dois motivos básicos: a) averiguar se há ou não necessidade de uma intervenção pedagógica que crie oportunidades para todas as crianças brincarem espontaneamente e b) alertar para a possibilidade de utilizar o recreio, rico pelas suas relações sociais, como espaço de educação para a cidadania.

Além da importância do brincar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) salientam a necessidade de a escola proporcionar uma educação que vá além dos tradicionais conteúdos de cada uma das disciplinas, destacando-se a formação ética dos alunos. Neste sentido, o recreio apresenta um amplo campo de oportunidades para o desenvolvimento de valores morais e, segundo Cagigal (1981), um diagnóstico da penúltima década do século XX aponta a existência de uma crise de valores em nossa sociedade. Não se trata somente de um tipo de valor, mas de uma espécie de desencanto geral do homem contemporâneo com respeito às questões: ‘em que crer’, ‘o que esperar’ e ‘quando ter otimismo’. Há uma deserção dos valores morais. “Mas o homem, se não quer deixar de ser homem, deve alimentar valores, recuperar os perdidos ou avigorar outros novos” (CAGIGAL, p. 136).

É preciso observar, ainda, que houve uma mudança na estrutura familiar e nas relações entre pais e filhos, a partir da qual se reduziu o tempo que os pais passam em contato com seus filhos. A mulher está deixando de ser a figura destinada apenas ao lar, pois está saindo para o campo de trabalho para ajudar no orçamento familiar. Dessa forma, a educação formal das crianças começa mais cedo nas creches, pré-escolas e escolas. Então, em que momento o recreio faz parte do projeto político-pedagógico escolar?

Esta preocupação levou-nos a desenvolver este estudo, que tem como foco essencial conhecer com que atividades as crianças de 1ª a 4ª séries se ocupam durante o recreio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias de Santa Cruz do Sul/RS/Br. Os olhares voltaram-se para a rotina do recreio, as

atividades que as crianças realizavam e a relação delas com o espaço físico e o material disponível.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por ser do tipo descritivo (TRIVIÑOS, 1987) e foi desenvolvida no primeiro semestre de 2002. Foi objeto de observação o recreio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias de Santa Cruz do Sul/RS/Br. Esta escolha deveu-se ao fato de o pesquisador ter sido, nesse mesmo ano, professor da disciplina de Educação Física nessa escola, o que o instigou a investigar o recreio escolar da 1ª à 4ª séries.

A coleta de dados apoiou-se em duas técnicas: as observações, registradas em diário de campo, e as fotografias. O pesquisador não interveio nos acontecimentos; manteve-se passivo, ou seja, na modalidade de observador/participante (NEGRINE, 1999), pois esta pesquisa foi apenas o passo inicial para se verificar havia ou não necessidade de uma futura intervenção pedagógica.

A pesquisa contou com dez observações do recreio no período de 03/06/2002 a 16/07/2002. O pesquisador procurou, no decorrer da investigação, que cada observação se situasse em um local diferente do pátio da escola, porém sem perder de vista o que acontecia nos demais. A presença do professor/pesquisador não alterou a rotina das atividades dos alunos durante o recreio, pois estes já estavam familiarizados com ela.

As observações foram norteadas pelos seguintes aspectos: a rotina do recreio, as atividades com as quais as crianças se ocupavam e a relação do espaço físico e do material com o tipo de atividade que era desenvolvido. As fotografias permitiram identificar e registrar, no espaço e no tempo, as rotinas e hábitos das crianças no recreio.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A rotina do recreio

O recreio, no turno da tarde, ocorre das 15h e 10min às 15h e 30min, com exceção dos dias de chuva, quando o período é reduzido para dez

minutos, devido ao fato de as crianças permanecerem em sala de aula, por não haver espaço físico coberto onde possam ficar.

Nos dias com tempo bom, quando o recreio inicia, as salas de aula são fechadas, bem como os acessos aos corredores e à biblioteca, e todos os alunos vão para o pátio.

O recreio não é supervisionado por nenhum professor, supervisor ou diretor. No pátio permanece um guarda municipal, que é responsável por zelar pelo patrimônio do município, ou seja, pela infra-estrutura, mas muitas vezes acaba intervindo em situações de briga e desordem. No portão de entrada fica uma servente, cuidando para que nenhuma criança saia para a rua; e na sala da pré-escola fica outra servente, pois estes alunos não saem para o pátio durante o recreio. No entanto, apesar da presença destes funcionários, não se pode dizer que haja uma supervisão ou orientação quanto às atividades dos alunos, uma vez que não existe nenhuma proposta de intervenção.

O Conselho Nacional de Educação, no Parecer 002/2003, orientou os órgãos gestores dos sistemas de ensino no sentido de que o tempo de recreio não poderá ser computado na carga horária do Ensino Fundamental e Médio se não houver controle de frequência, o qual é de responsabilidade do corpo docente. Além disso, o recreio deve estar organizado de forma coerente com a proposta pedagógica da escola.

Quanto à questão da interferência pedagógica no recreio, um dos trabalhos mais consistentes é de Gaelzer (1976,) que defende a inclusão do recreio escolar no plano geral das atividades escolares e nos planos curriculares de cada série. A autora sugere que o recreio anual seja organizado em três etapas. Na primeira, ele deve ser dirigido. Os alunos vão para o pátio, juntamente com seus professores, para locais previamente destinados, praticar jogos selecionados, que busquem incluir novas formas lúdicas de movimento. Na segunda, as atividades devem ocorrer em locais reservados, mas cada aluno escolhe o que gostaria de fazer. Na terceira, o recreio deve ser apenas supervisionado e coordenado por um professor, mas os próprios alunos gerenciam suas atividades.

Voltando à rotina do recreio, observou-se que o corpo docente vai para a sala dos professores. A direção e mais um professor vão atender os alunos no bar da escola. A supervisão e a orientação educacional permanecem em suas salas. Na secretaria os funcionários tentam continuar o seu trabalho, mas como a frequência das crianças é muito grande, as atividades são dificultadas.

De dentro da sala dos professores o barulho que se ouve é como se lá fora houvesse uma guerra. Não há intervalo em que não venha uma criança se queixar de algum acontecimento do recreio. Há uma enorme identificação com a caracterização que a revista 'Nova Escola' apresentou do recreio escolar de uma escola em Osasco/SP, salientando que o saldo do recreio são brigas, contusões, dentes quebrados e professores estressados.

O cafezinho na sala dos professores tem como trilha sonora o ruído ensurdecedor que vem do pátio. Nem as crianças poupam reclamações: fulano havia batido num colega, sicrano quebrara uma janela, beltrano estava na enfermaria. Estas situações levaram a se pensar numa solução para tal problema, tendo defensores, inclusive, de que se suspenda o recreio (NOVA ESCOLA, 2002, p. 50).

Outro dado importante é que a escola não disponibiliza material (bolas, cordas, jogos, aparelho de som, ...) aos alunos durante o recreio. Todo e qualquer tipo de material deve ser trazido pelos alunos. Contudo, são poucos os alunos que trazem algum brinquedo, sendo a bola e os tazos os mais evidenciados.

Atividades que ocupam o tempo das crianças no recreio

A escola em estudo, devido à política municipal, oferece merenda aos alunos num período anterior ao recreio. Logo, no recreio propriamente dito, somente as crianças que trazem merenda de casa ou aquelas que a compram no bar da escola ocupam seu tempo merendando. Em frente do bar forma-se uma fila enorme, e há crianças que chegam a perder metade do tempo do recreio aguardando para comprar a merenda.

No espaço exterior à sala de aula, conforme Freire (1997), acontecem duas atividades principais: a aula de Educação Física e o recreio.

Este segundo é o espaço mais permissivo, mas, mesmo assim, de certa forma controlado, pois uma parte do tempo é consumida pela merenda, outra parte na formação de filas e colunas para entrar e sair da aula. Tudo isso, de alguma forma, permite que não se perca o controle sobre os alunos durante o recreio (FREIRE, 1997, p. 214).

É possível notar uma enorme similaridade das atitudes das crianças no momento que antecede a ida para a Educação Física com aquelas da saída para o recreio. Para a maioria das crianças o sinal sonoro que inicia o recreio é tão esperado quanto a aula de Educação Física, se não mais esperado que esta. É o momento em que podem correr, saltar, jogar e brincar. Estas são atitudes predominantes no comportamento das crianças. Sobre este aspecto, Cislighi e Neto (2002) ressaltam que a escola está sendo cada vez mais cobrada para suprir a carência de movimentação das crianças conseqüente da violência urbana e da falta de espaços físicos adequados. Dessa forma, é necessário que os novos projetos de reforma e de construção de escolas considerem a necessidade de haver equipamentos e espaços que ampliem as vivências sociais.

Neste sentido, Marcellino (1987) questiona o espaço que a escola destina ao lazer, um lazer que não seja o dos 'famigerados dias de lazer' impostos pelos calendários escolares e as incontestáveis 'festas', que de festa pouco ou nada têm, pois se constituem num meio de arrecadação para cobrir despesas que deveriam ser de responsabilidade do Estado, já que contribuímos com tantos impostos.

A princípio pode-se pensar que o recreio escolar seja o momento mais esperado de todas as crianças, mas não é assim. Há muitas que se sentem desprotegidas durante este intervalo. São as crianças menores, principalmente da 1ª e 2ª séries, que buscam se proteger ficando perto da porta da sua sala, próximo à sala dos professores ou da direção, e logo que o 'apito' do final do recreio soa, correm para frente da porta da sala dos professores para aguardar sua professora.

Outras crianças, por não se destacarem nos esportes, não são convidadas para jogar; outras ainda são provocadas, discriminadas e agredidas por não possuírem o estereótipo

masculino ou feminino padrão na sociedade. Um estudo importante, que deve ser salientado neste trabalho, é a pesquisa realizada por Mayer e Krebs (2000) sobre o comportamento agressivo de escolares do ensino fundamental de Santa Cruz do Sul/RS/Br. Eles analisaram 357 escolares da faixa etária de 7 a 14 anos, de ambos os sexos, de escolas estaduais, municipais e particulares, e evidenciaram que o recreio é o momento de maior incidência das agressões sofridas e que 85% dos alunos sofreram algum tipo de agressão, sendo a verbal a mais freqüente. Reforçando esta afirmação, Cislighi e Neto (2002) também destacam que 70 a 80% dos comportamentos agressivos da escola ocorrem no recreio, e que a modificação nas condições de supervisão e organização dos recreios escolares, como forma de intervenção, pode contribuir significativamente para a redução destes índices.

Frente a este fato reforça-se a necessidade de se pensar em soluções para o quadro que se apresenta na realidade da escola investigada. Não se pode esquecer este espaço de tempo do contexto escolar.

Relação do espaço físico e do material com o tipo de atividade desenvolvido

O espaço físico (Figura 1) comporta uma quadra de futsal, com medidas próximas às oficiais, uma miniquadra de basquete, uma quadra de voleibol, um saguão de entrada de um prédio e um enorme corredor, de aproximadamente cinquenta metros, que vai do portão à escola. Todos estes locais são pavimentados ou calçados. Lugares à sombra são quase inexistentes. A escola possui uma pracinha com alguns brinquedos, mas estes ficam em uma área reservada, a que os alunos não têm acesso no recreio; somente a pré-escola faz uso dela.

O maior, melhor e mais organizado espaço físico de toda a escola é a quadra de futsal. É o palco principal das aulas de educação física, local dos jogos de futebol e das interséries. Nesse espaço os alunos jogam, no recreio, segundo as regras oficiais do futsal. Esta quadra esportiva é ‘dominada’ pelas séries maiores, principalmente pela 4ª, e

pelos meninos. O espaço é organizado pela ‘lei da selva’, ou seja, os mais fortes decidem quem pode ou não jogar. Nos vários recreios observados percebeu-se que são sempre os mesmos os alunos que jogam, e no máximo seis jogadores em cada equipe. Somente quando as 4ªs séries não traziam uma bola - (a escola não disponibiliza materiais para o recreio) e um outro aluno a possuía é que outros ‘atletas’ podiam jogar.

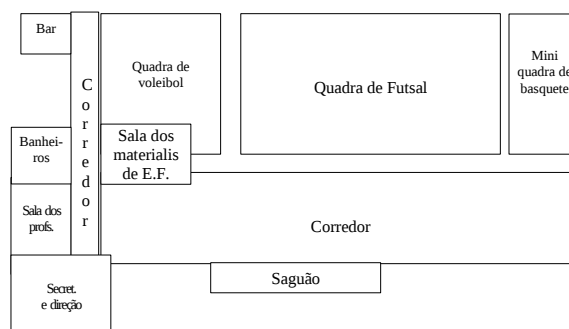


Figura 1 – Diagrama dos espaços físicos ocupados pelas crianças durante o recreio.

Em concordância com Gaelzer (1976), para quem o recreio é o espelho da situação geral da escola e reflete os valores educacionais que permeiam a instituição de ensino e a vida dos alunos, pode-se observar claramente a influência do esporte de alto nível no recreio escolar e o fato de o futebol ainda ser considerado um esporte masculino.

Em apenas um recreio foi observado que as meninas puderam jogar. Nesse dia os alunos, motivados pela Copa do Mundo, estavam realizando jogos no recreio. A turma 42 jogou contra a 43. E, realmente a palavra ‘contra’ expressa a rivalidade existente entre as turmas. Normalmente, os meninos discriminam a participação das meninas ou desrespeitam o direito delas de também poderem jogar.

Aqui cabe uma ressalva por parte do pesquisador, pelo fato de ele ser professor de Educação Física destes alunos. Nas aulas de Educação Física trabalha-se com turmas mistas, e em todas as atividades, inclusive no futebol, meninos e meninas jogam juntos. Porém, analisando-se o recreio, percebe-se que estes ideais ainda não estão consolidados, pois há uma forte concepção de que futebol é esporte masculino. Por isso, o fato de as meninas terem realizado um jogo de futebol no recreio é um

progresso; é uma mudança de paradigma no recreio escolar, considerando-se que o homem foi privilegiado, historicamente, na oportunidade de prática de esportes. Sobre este assunto Reis (1999) aponta que a mulher foi privada da participação dos esportes, pelo fato de a sociedade julgar que a prática esportiva a conduziria à masculinização, à perda da feminilidade, constituindo-se em risco à sua saúde, devido ao contato físico e à agressividade presente nos esportes coletivos.

O esporte moderno é um fenômeno social que traz consigo uma predominância masculina através dos séculos, acompanhando a tendência social que tem privilegiado o patriarcado, demandando um modelo de esporte de cunho machista impregnado de símbolos, mitos, crenças e valores discriminatórios (REIS, 1999, p. 110)

Cabe ainda ressaltar que, enquanto uma minoria dos alunos joga futebol, há muitos que não fazem parte do jogo e circulam em torno da quadra ou situam-se como meros espectadores. Isto gera confusão e muitas vezes é motivo suficiente para o início de uma briga. Também Merino e Ferreira (2001), ao analisarem o recreio de pré-escolares de escolas de Porto Alegre/RS, evidenciaram a predominância, entre os alunos, de conflitos originários da disputa pelo material e pelo próprio espaço físico.

Além disso, a falta do que fazer, conforme (PEREIRA; NETO; SMITH, 1995), fruto da ausência de apoio na organização de atividades e de espaços pobres, pouco interessantes e pouco variados, não favorece a ludicidade. Pode, inclusive, desencadear comportamentos de *bullying*, ou seja, manifestações agressivas.

Atrás da quadra de futsal há uma miniquadra de basquete. Este espaço físico é utilizado pelos alunos/meninos que não estão incluídos no jogo de futebol da quadra principal. Num espaço físico quatro a cinco vezes menor que o da quadra de futsal se aglomeram vinte a trinta alunos para jogar futebol com uma bola de meia, um tênis ou um litrão. A capacidade de improvisação dos alunos é muito grande, mas parece que, à precariedade do material, no caso a bola, soma-se a falta de definição das regras no jogo. O objetivo é chutar para o improvisado gol, mas não se sabe quem é do time de quem,

alunos entram e saem do jogo sem qualquer aviso prévio.

Sem sombra de dúvida, a bola é o instrumento preferido e o que mais estimula o interesse da criança, principalmente entre os meninos. Isto é fruto de sermos o ‘país do futebol’ e da forte divulgação deste esporte pela mídia. Estes alunos aguardam a sua progressão nas séries para poderem vir, futuramente, a ocupar o espaço principal do recreio, a quadra de futsal.

A quadra de voleibol, cuja rede não fica instalada durante o recreio, é utilizada pelos alunos para brincar, principalmente, de pegar. Esta é a brincadeira mais comum, mas geralmente se inicia com uma provocação (empurrão, agressão física ou verbal) ou com o ‘roubo’ de alguma coisa, como uma peça de roupa ou a merenda.

Esta brincadeira também se dá de forma mais organizada. Estabelecem-se os pegadores e os fugitivos, ou policiais e ladrões. Os banheiros são o recurso mais utilizado, principalmente quando as brincadeiras de pegar são de meninos versus meninas, uma vez que são locais sagrados para cada um deles, onde o sexo oposto não pode entrar sem colocar em jogo a definição de seu gênero. Outro local bastante freqüentado é a secretaria. É esconderijo de ‘bandido’, é ferrolho de ‘fugitivo’, é a ‘delegacia’ dos que sofreram agressões durante o recreio e a ‘enfermaria’ dos que se machucaram.

As brincadeiras de pegar também ocorrem no corredor que vai da sala dos professores até o portão. Neste espaço encontram-se, pintadas no chão, amarelinhas; contudo são muito pouco usadas. Além do mais, há sempre alunos correndo sobre elas, o que dificulta a brincadeira.

O fato de as brincadeiras de pegar ou ‘piques’, como também são conhecidas, serem predominantes no recreio escolar está diretamente relacionado, conforme Cislighi e Neto (2002), com o fato de a escola não disponibilizar material para as crianças brincarem. Como este dado é realidade nesta escola, somos levados a acreditar que a falta do que fazer no recreio leva as crianças a brincarem, principalmente, com jogos de perseguição, apesar do enorme fascínio pelos jogos com bola.

Observa-se, também, que está havendo uma perda das brincadeiras da cultura popular, pois, mesmo havendo demarcações para atividades como a amarelinha, as atividades do recreio resumem-se em atividades físico-esportivas, a brincadeiras de pegar, a jogar com os tazos no saguão e a explorar os ambientes físicos e instrumentos como mastros, escadas, árvores, bancos e estacionamento de bicicletas, onde escalam, escorregam, sobem, descem, saltam e trepam.

CONCLUSÃO

A pesquisa mostrou que boa parte do recreio é consumida com a atividade de merendar e que no espaço físico das quadras esportivas as crianças jogam sob o modelo do esporte de rendimento. As demais, excluídas deste contexto, limitam-se a brincar de pegar e a explorar a diversidade do ambiente físico. Foi perceptível que as atividades do recreio são sempre as mesmas e feitas pelos mesmos alunos, o que responde a nossa dúvida sobre a existência de novas vivências durante o recreio.

A questão que fica é: até que ponto o brincar da criança, durante o recreio, é espontâneo? De um lado os maiores dominam os espaços físicos melhores e ditam suas regras. De outro, observou-se que as crianças brincam sempre da mesma coisa, uma atitude quase que doentia. Será que não deveríamos ajudar estas crianças a se organizarem, a terem vivências diferentes e a encontrarem prazer em outras vivências corporais?

Então, o que poderia ser feito? Diminuir ou terminar com o recreio escolar? Acredita-se que haja melhores soluções, e uma intervenção pedagógica seria uma delas. Esta foi a solução encontrada na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Embaixador Assis Chateaubriand, em Osasco, na Grande São Paulo. O caminho utilizado foi planejar atividades interessantes e oferecer lazer e diversão a todos, sem tirar dos estudantes a sensação de que eles são donos desse momento (NOVA ESCOLA, 2002).

Com base nas evidências deste estudo, algumas sugestões podem ser deixadas no intuito de contribuir para que a escola que fez

parte do estudo e outras que se identifiquem com esta realidade, a repensem o seu recreio escolar:

- É necessário que haja um comprometimento da instituição em transformar o recreio escolar em um momento educativo a ser contemplado no projeto político-pedagógico da escola. Contudo, é indispensável que toda a instituição se envolva. Por que não chamar a família/comunidade para participar deste projeto?
- Um problema que a escola enfrenta é o grande número de alunos para um espaço físico restrito. Neste sentido sugere-se que a biblioteca permaneça aberta durante o recreio e que se pense na possibilidade de realizar o recreio em dois momentos. No primeiro, trazer também a pré-escola para vivenciar o recreio juntamente com a 1ª e 2ª séries; no segundo, a 3ª e 4ª séries. Estes dois momentos possibilitariam o acesso das turmas menores a todos os espaços físicos do pátio da escola e não precisariam, por exemplo, esperar chegar à 4ª série para poderem usufruir da quadra de futsal.
- Outra sugestão é pensar na possibilidade de se organizar um rodízio dos espaços físicos por série durante a semana, de maneira que todas as crianças possam usufruir de todos os espaços.
- Quanto à questão do material de lazer, sugere-se que seja feito um estudo sobre as possibilidades de aproveitar melhor o espaço físico, instalando-se brinquedos como balanços, escorregadores, gangorras e outros que despertem o interesse dos alunos e possam ser explorados de forma mais diversificada. Além disso, na medida em que se tenham pessoas orientando ou supervisionando, é possível disponibilizar materiais para o recreio, trabalhando a questão da responsabilidade, do zelo, do dividir e do compartilhar.
- Ainda, quando a escola se depara com a falta de equipamento material, é possível pensar na criação de brinquedos a partir de sucatas, que podem ser feitos nas próprias aulas de Educação Física e Educação Artística.
- É indispensável no recreio escolar a presença de funcionários - professores, direção,

supervisão ou quaisquer outros que tenham condições de auxiliar na efetivação de medidas que sejam tomadas em benefício da criança, na preservação do seu direito de brincar e em respeito a sua integridade física e moral. Esta intervenção de profissionais não inclui somente os professores de Educação Física, mas todos os demais, de maneira que seja feito um rodízio para que o professor também tenha direito de usufruir o seu intervalo, que, muitas vezes, é um dos poucos espaços de tempo que possui para 'trocar algumas idéias' com seus colegas.

- Sugere-se que se pense em desenvolver um recreio orientado, de maneira que a escola organize, em forma de oficinas, diferentes atividades, disponibilizando o material necessário e um orientador para cada atividade, dando a liberdade para que as crianças escolham a atividade que vão desenvolver.
- Na organização das oficinas é imprescindível levar em consideração o tipo de atividade que as crianças gostariam de praticar, mas tendo-se o cuidado de buscar, também ampliar as vivências delas. Neste sentido, sugere-se que as atividades sejam diversificadas, evitando-se a exclusividade das físico-esportivas.

Devem fazer parte deste contexto as rodas-cantadas, danças, capoeira, mas também atividades de cunho artístico, social e intelectual, como artes cênicas, artes plásticas, jogos intelectuais, *shows*, etc.

- É importante não duvidar da capacidade de organização das crianças; mas, é de fundamental importância ajudá-las a se auto-organizarem e dar uma orientação ao fazer da criança. Isto pode ser feito pelos professores de classe, nos dias em que se desenvolverem as oficinas. Estes, num momento anterior ao recreio, devem fazer a criança pensar em qual oficina ela irá participar e ajudá-la a projetar suas ações, dando-lhe a liberdade de escolha dentro das possibilidades existentes.
- Para concluir, o aluno/criança deve ser visto como tal e não como um adulto em miniatura, e perceber que uma das suas necessidades essenciais é o brincar. Não se deve jamais pensar que o brincar não seja importante para a criança, mas sim, buscar criar condições para que ele seja possível. É indispensável auxiliar as crianças a se organizarem neste espaço de tempo, acreditar na possibilidade de elas gerenciarem as atividades e comprometer o Grêmio Estudantil e alunos de séries mais avançadas na ajuda nesta tarefa.

SCHOOL BREAK: WHAT HAPPENS FAR FROM THE TEACHERS' EYES?

ABSTRACT

This research aimed at verifying which activities students attending the 1st to 4th grades of the fundamental school practice during school break. The investigation was developed at Duque de Caxias Municipal Fundamental School in Santa Cruz do Sul city/state of Rio Grande do Sul/Brazil. The school break routine, the children activities and their relation with both the physical area and the available material were evaluated. It was concluded that children spent most of their break time having a snack, and that the physical space of the sportive courts lead children to play under the performance sport model. That makes us to argue: would it be interesting to develop a pedagogical intervention during this school break?

Key words: Physical Education. Education. Sport. School break.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** apresentação dos temas transversais e ética. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1997. v. 8.

_____. **Parecer 002.** Brasília: Câmara de Educação Básica/Conselho de Educação Brasileira, 2003.

CAGIGAL, J. M. **Cultura intelectual e cultura física.** Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1979.

_____. **Oh Deporte!** (Anatomía de un Gigante). Spain: Editorial Miñón. 1981.

CAVALLARI, R. C. ; ZACARIAS, V. **Trabalhando com recreação.** 2. ed. São Paulo: Ícone. 1994.

CISLAGHI, K. M. F. ; NETO, C. A. F. O recreio escolar e as expectativas das crianças. **Sprint – Body Science**, p. 28-35, jul./ago. 2002.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer.** São Paulo: SESC, 1980. (Série Lazer).

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da Educação Física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

GAELZER, L. **O recreio na escola de primeiro grau.** Porto Alegre: UFRGS, 1976.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

_____. **Repertório de atividades de recreação e lazer**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

MAYER, S. M. ; KREBS, R. J. Comportamento agressivo em escolares do Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da teoria dos sistemas ecológicos. **Cinergis**, v. 1, n. 1, p. 151-152, jan./jun. 2000.

MERINO, E. ; FERREIRA, L. A. dos S. Recreio pré-escolar: uma proposta de intervenção para o profissional de Educação Física. In: MERCOMOVIMENTO, 2, 2001. **Anais...** Santa Maria: CEFD, p. 33. 2001.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In.: TRIVIÑOS, A. N. ; MOLINA NETO, V. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS. 1999.

PEREIRA, B. ; NETO, C. ; SMITH, P. Os espaços de recreio e a prevenção do "Bulling" na escola. In: NETO, C. (Org.). **Jogo e desenvolvimento da criança**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, p. 238-257, 1995.

RECREIO Legal. **Revista Nova Escola**, p. 50-51, abr. 2002.

REIS, Lúcia da Costa. **A mulher que joga futebol: I** Prêmio INDESP de literatura desportiva. Brasília: INDESP: 1999.

TRIVIÑOS, A. N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas. 1987.

Recebido em 18/06/2003

Revisado em 11/07/2003

Aceito em 12/09/2003

Endereço para correspondência: Fax: (51)37147001. E-mail: derlijul@fates.com.br